

Algumas observações em torno da renovação na umbanda urbana contemporânea¹

Some observations on renewal and change
in contemporary urban Umbanda

Diana Espírito Santo¹

RESUMO: Neste artigo se sustenta que a Umbanda contemporânea Paulista está a experimentar uma mudança de perspectiva vis-à-vis as necessidades de uma nova geração de praticantes. Se explora a noção de que, não obstante a continuada e agressiva frente Neo-Pentecostal, há umbandistas a se esforçarem para manter um vínculo com o domínio público e de visibilizar sua religião. Se analisa, em particular, um movimento teológico de crescente protagonismo e popularidade, a Umbanda Sagrada de Rubens Saraceni, relativo a um esforço mais amplo de reformular a Umbanda.

PALAVRAS-CHAVE: Umbanda. Esfera pública. Teologia. Demografia. Renovação.

ABSTRACT: This article sustains that contemporary Umbanda in São Paulo is undergoing a change of perspective, vis-à-vis the needs of a new generation of practitioners. It explores the notion that, notwithstanding the continued and aggressive Neo-Pentecostal front against Umbanda, there are Umbandists who are striving to maintain a connection with the public sphere and to make their religion more visible. The article explores a particular theological movement within Umbanda that has grown massively in popularity and protagonism in São Paulo and in other parts of Brazil: Umbanda Sagrada. This movement, spearheaded by Rubens Saraceni, has aimed for a profound reformulation of Umbanda.

KEY-WORDS: Umbanda. Public sphere. Theology. Demography. Renovation.

Introdução: combatendo estatísticas

Apesar do protagonismo continuado das tradições religiosas afro-brasileiras - e dos movimentos "afro" de maneira mais geral - na mais ampla consciência social brasileira, os estudiosos não deixaram de notar um declínio substancial nos seus adeptos ao longo dos últimos vinte anos. Os dados estatísticos do IBGE entre 1990 e 2010 revelam claramente esta queda. Enquanto que o número de adeptos das religiões afro-brasileiras sempre se mostrou notoriamente difícil de medir - muitos classificam-se como "católicos" ou "espíritas", e ainda outros irão ocultar suas identidades religiosas totalmente por medo de discriminação (ver Stoll, 2004) - os números são difíceis de contestar. Em 1980, as religiões afro-brasileiras

¹ Pontificia Universidad Católica de Chile. gimmefish@yahoo.com.

reivindicavam cerca de 0,6% da população; em 1991, este teria caído para 0,4%; em 2000, os praticantes destas religiões estariam em 0,3%, uma perda de cerca de 30.000 seguidores na primeira década, o que mais do que dobrou na década seguinte para 71.000 (Prandi, 2004: 226). No entanto, a Umbanda tem sofrido as maiores caídas. Enquanto os adeptos do candomblé passaram de um declarado 107.000 em 1991 para 140.000 em 2000, os da Umbanda caíram de 542.000 para 432.000, e de acordo com a mais recente pesquisa do IBGE de 2010, são apenas 407.000.

O antropólogo Reginaldo Prandi atribui estas estatísticas a vários fatores. Um deles é o efeito de uma constante expansão e complexificação do "mercado" religioso brasileiro, e a incapacidade de algumas religiões afro-brasileiras de se adaptar ou reagir a ele. Prandi argumenta que, apesar da centralidade histórica das noções de tradição e ortodoxia no seu seio, o candomblé tem sido mais capaz de acomodar essas mudanças sociais e econômicas do que a Umbanda, que tem visto uma perda de adeptos na década entre 1990 e 2000 de 20% (ibidem: 227). A Umbanda continua a ser o mais dominante dos dois em números; não obstante, segundo Prandi, o Candomblé "Como agência de serviços mágicos, que também é, oferece ao não devoto a possibilidade de encontrar solução para problema não resolvido por outros meios, sem maiores envolvimento com a religião" (ibid: 224). O argumento de Prandi é que a Umbanda tem-se mantido fixa em ambos modelos sincretistas que a alinham ao catolicismo e às noções mais rígidas de moralidade, os quais a tornam paradoxal em um ambiente mais contemporâneo. O Candomblé, por outro lado, continua sendo o mais poderoso dos dois no imaginário mágico, tão poderoso, de fato, que muitos umbandistas acabam finalmente nas casas de Candomblé a iniciar-se. Visto como um todo, o meta-argumento de Prandi parece ser que o buscador espiritual enfrenta agora uma riqueza de opções, e que, apesar de pequenos incrementos no número de adeptos no Candomblé, nem o Candomblé nem a Umbanda têm suficiente unidade federativa ou representativa - e muito menos capacidade ou interesse em se publicitar - para competir com o proselitismo agressivo de outras contingências religiosas, principalmente as igrejas pentecostais.

A minha pesquisa com templos de Umbanda no Rio de Janeiro e em São Paulo corrobora este último ponto. Federações e grupos são poucos, muitas vezes com pouca ou nenhuma relação entre eles. A maioria dos centros umbandistas são em grande parte microuniversos com tradições rituais desenvolvidas de forma idiossincrática, com uma ligação solta, simbólica ou mesmo nenhuma conexão com as "linhas" fundadoras da religião. Enquanto as meta-narrativas sobre o que a Umbanda "é" e "não é" não faltam, a experiência umbandista tende a se definir a través de práticas locais e centradas sob a família religiosa, cujos líderes se apresentam muitas vezes relutantes em se envolver em movimentos religiosos e políticos mais abrangentes, seja por medo de falsas declarações, de conflitos inter-religiosos, ou de se tornarem alvos de forças sociais hostis. Mais recentemente, em 2009 deram-se políticas governamentais que visavam introduzir a educação religiosa multifacetada nas escolas (que já foi descartada), e isso pareceu despertar uma vontade urgente por parte das federações de Umbanda e Candomblé para encontrar candidatos adequados provenientes de sua comunidade para os cargos, em parte para contrabalançar o domínio das denominações protestantes e evangélicas. Alguns líderes religiosos afro-brasileiros também começaram a envolver-se mais na promoção dos membros das assembleias municipais (e/ou vereadores), mais uma vez, principalmente para garantir que os direitos civis e religiosos de suas comunidades são ouvidos em esferas políticas muitas vezes dominadas por políticos pentecostais. Mas estes esforços são incomuns e esparsos; até mesmo o mais alto perfil de líderes Umbanda na região metropolitana de São Paulo se mostravam interessados em separar-se de uma associação muito próxima com as políticas e práticas públicas. Certamente, não é no etos da Umbanda "capturar" adeptos ou se anunciar pública e politicamente.

Talvez o fator mais importante seja que, enquanto muitos templos em ambas as cidades têm sites na Internet com informações sobre si mesmos, a noção de que uma pessoa é "chamada" para a Umbanda, seja através do amor ou da dor é um dos seus pilares. De fato, há uma perspectiva qualitativa, não apenas quantitativa, em relação às estatísticas da Umbanda. Umbandistas são médiuns, por definição, ou, no mínimo, indivíduos que foram submetidos a uma série de ritos de desenvolvimento espiritual e consolidação. Os clientes da Umbanda, por

outro lado, mesmo aqueles que podem ter procurado aconselhamento dos espíritos semanal durante anos, raramente se classificam como "umbandistas". Isto contrasta com membros de centros espíritas, por exemplo, que se classificam como tal, devido às suas simpatias com e conhecimento da Doutrina Espírita. Na verdade, muito poucos espíritas são realmente médiuns. O ponto aqui é que os resultados do IBGE podem ser enganosos em virtude de sua ocultação do que muitas vezes são critérios fundamentalmente diferentes de "adesão" para diferentes religiões, assim como o que é muitas vezes a tendência de pertencer a dois ou mais "campos" religiosos (a chamada dupla pertença).

Uma consideração dos ambientes competitivos que vemos hoje no Brasil nos remete inevitavelmente a antropologias da cidade de forma mais ampla. No Brasil, a Umbanda existe no meio de muitos outros grupos religiosos e espirituais, seitas, igrejas e serviços. Em metrópoles, este florescimento de opções pode ter levado a uma certa relativização do compromisso religioso, a longo prazo. José Guilherme Magnani argumenta que "Ao contrário de localidades menores, onde a oferta dos serviços religiosos é reduzida e a filiação sujeita a um controle social mais atento, no contexto de uma grande metrópole a vivência religiosa tem mais alternativas de exercício e manifestação" (Magnani, 2009: 20). A cidade é o lugar por excelência do aparecimento do "estranho", o "estrangeiro", a personificação de pessoas que não se encaixam dentro de alianças sociais e familiares pré-estabelecidas, e onde laços de parentesco são necessariamente substituídas por outras lealdades (ibid). Em São Paulo, em particular, fluxos migratórios nacionais e internacionais têm vindo progressivamente a marcar a paisagem religiosa, desde trabalhadores ingleses das ferroviárias e colonos italianos, a libaneses, latino-americanos, ciganos, japoneses e comunidades brasileiras nordestinas. Magnani vê símbolos de sua presença nos templos, catedrais, santuários, mesquitas, sinagogas, capelas, cemitérios, templos afro-brasileiros de diferentes "nações", e outros espalhados por todo a geografia da cidade (ibid: 23). Embora, como Ronaldo de Almeida argumenta, este pluralismo não deve ser visto como dividido em regiões socioeconômicas segmentares, mas como manifesto em "trajetos", "circuitos", "pedaços", "manchas" e outras formas de experimentar o espaço e o tempo (2009), como um fenômeno essencialmente urbano, a

Umbanda contemporânea também deve responder e se adaptar a essa multiplicidade. Na minha pesquisa de campo, tanto no Rio de Janeiro e São Paulo, descobri que os médiuns umbandistas, os jovens em particular, revelam trajetórias biográficas consistentes com uma busca urbana de significado religioso, tendo muitas vezes atravessado uma série de espaços rituais e espirituais antes de chegar aos seus presentes.

No entanto, essa ruptura com mais caminhos "tradicionais" dentro de Umbanda ocorre também no contexto do que, sem dúvida, uma Umbanda "pós-moderna" parece agora oferecer. Como diz Rubens Saraceni, líder umbandista renomado teólogo de São Paulo, "esta nova geração está cansada de ser explorada pelas igrejas (Evangélicas). Eles são críticos. Mas se eles vão para a Umbanda eles também não vão tolerar ser explorados por suas mães e pais-de-santo. Existem Centros (de Umbanda) aí fora que proíbem os seus filhos de estudar – e eles vão embora de lá também". A Umbanda Sagrada de Saraceni tem tido um surpreendente seguimento na esfera religiosa, embora também tenha ganho muita crítica impiedosa, especialmente por sua reformulação de antigos conceitos, ritos e tradições através de um corpo teológico complexo, que teve o efeito, entre outros, de destacar a inadequação contemporânea da cultura de segredo da Umbanda entre as gerações mais jovens. Uma das características de uma Umbanda pós-2000 parece ser o seu apelo a exatamente aquelas pessoas que rejeitam o que Prandi argumenta é constitutiva a ela - formulações rígidas de moralidade, uma aceitação não-crítica do sincretismo católico, e uma atitude inter-religiosa elitista ou nacionalista, entre outros. Pelo contrário, umbandistas contemporâneos estão cada vez mais se distanciando dessas descrições - características dos primeiros etnógrafos de Umbanda - e a explorar as possibilidades mais ideologicamente fluidas de sua religião. Este artigo é uma análise descritiva de alguns dos caminhos que essas explorações têm traçado na cidade de São Paulo.

Um santuário público para Umbanda

Como Prandi e, mais recentemente, Vagner Gonçalves da Silva (2007) argumentam, é inegável que o declínio dos cultos religiosos afro-brasileiros e da Umbanda tem uma correlação muito direta com o surgimento das igrejas pentecostais no Brasil urbano. Isto é especialmente verdadeiro para a chamada "terceira onda" do pentecostalismo, também conhecido como Neopentecostalismo, cujos ataques sob o Candomblé e a Umbanda são constitutivos de sua própria identidade (Prandi, 2004; Ver também Mariano, 1999). Na verdade, qualquer compreensão do cenário religioso brasileiro contemporâneo estaria em falta sem uma reflexão sobre o enorme impacto que a teologia neopentecostal da guerra espiritual e seus "exércitos de Cristo" teve e tem sobre a demografia religiosa (ver Almeida, 2009b; Fernandes et al, 1998). Pentecostalismo surgiu no Brasil no início do século 20, mas começou a adquirir uma presença mais definida a partir da década de 1950, a sua discutível "segunda onda". Em ambas as fases iniciais, a teologia pentecostal enfatizava a cura divina, os dons carismáticos, como a fé, a profecia, e falar em línguas, e o ascetismo (Gonçalves da Silva, 2007: 207). Mas, enquanto que durante estas fases pentecostais as curas divinas eram muitas vezes operadas à custa de uma demonização das religiões afro-brasileiras, essa característica seria preocupantemente exacerbada e centralizada na terceira fase do movimento pentecostal brasileiro, começando na década de 1970. Não é à toa que os umbandistas sentem que se estão tornando cada vez mais invisíveis; eles são invisíveis, e em alguns aspectos, tem de o ser, a fim de sobreviver hostilidade pública. À medida que os templos de Umbanda diminuem em número e se tornam cada vez discretos, muitos praticantes removem sua parafernália religiosa em público, ou qualquer marcador visível da sua fé. No entanto, umbandistas continuam forjando ligações e relações com as suas comunidades e com o público mais amplo.

É bem conhecido entre os umbandistas que Ronaldo Linares se emociona cada vez que ele relata seu primeiro encontro com Zélio de Moraes, não importa quantas vezes ele o faz. Ele tem "sentimento", como uma líder umbandista que eu entrevistei uma vez constatou sobre ele. Próximo 80 anos de idade, Linares é creditado por muitos umbandistas como o "descobridor" e o "divulgador" das verdadeiras origens da Umbanda; ou, no mínimo, de um dos seus mitos

de origem mais duradouros. Nos anos 60 e 70, Linares era um anfitrião de programa de rádio e televisão, jornalista, bem como um umbandista praticante, tendo sido iniciado no Candomblé e na Umbanda por um dos mais famosos pais-de-santo do Rio de Janeiro, Pai Joãozinho da Goumeia. Linares teria fundado seu próprio templo - Casa de Pai Benedito de Aruanda - em 1960, abrindo a primeira escola de desenvolvimento mediúnico e teológico na Umbanda no país. Desde então, formou cerca de 3000 sacerdotes de Umbanda, inclusive Rubens Saraceni, o renomado divulgador da teologia da Umbanda Sagrada. Mas durante todo este período Linares era movido por uma vontade de entender onde e como foi que sua religião tinha começado, como um movimento, como uma religião. Ele havia observado como todos os templos de Umbanda que visitava tinha referências a santos católicos, mas também aos orixás africanos e à cultura indígena; e ele se perguntava como todas essas influências teriam convergido. Quando fez seus primeiros contatos com Zélio de Moraes, em 1972, Linares começou a ter uma ideia mais concreta sobre essas origens sincréticas. Zélio lhe explicou que os ritos de umbanda tinham nascido "naturalmente", como consequência da presença do índio e do afro-brasileiro, não tanto no sentido físico, mas através da incorporação, do transe. Os espíritos tinham trazido com eles suas próprias histórias. Na verdade, tão indissociável eram essas duas influências para Zélio que, de acordo com a sua história, no mesmo dia em que a primeira sessão de Umbanda foi inaugurada, e onde o Caboclo das Sete Encruzilhadas teve sua primeira manifestação, Zélio incorporou um espírito que se chamava Pai Antônio, um Preto Velho. Ele seria o primeiro Preto Velho, de acordo com Linares, a pedir um toco no qual se sentar, bem como um cachimbo (cf. Trindade et al, 2013: 36-38), inaugurando desta forma, a cultura material dos rituais da Umbanda.

Mas encontrar Zélio de Moraes não foi a única das contribuições históricas de Ronaldo Linares à popularização da Umbanda na esfera pública. Também no início de 1970, Linares descobriu uma grande área de terra situada no Bairro do Montanhão, no subúrbio de São Caetano, que tinha sido explorada e eventualmente abandonada por uma antiga pedreira. A paisagem natural fora devastada, mas continuava bela, com cachoeiras e o que restava de uma floresta exuberante. Linares entendeu que com cuidado a área poderia ser cuidada até

florescer de novo. Então, ele decidiu criar o Santuário Nacional da Umbanda, uma reserva ecológica que ele imaginava se tornaria um lugar para umbandistas para vir e cultuar, fazer oferendas, e realizar sessões de espírito de incorporação. E assim como ele desejava, Linares e um grupo de seus partidários lentamente transformou os 645 mil metros quadrados de área florestal, recuperando o que restava da vegetação e replantando o resto. Desde a sua criação, o Santuário tem sido gerido pela Federação Umbandista do Grande "ABC", uma entidade sem fins lucrativos, fundada em maio de 1972 com o objetivo de aglutinar e providenciar apoio administrativo e jurídico aos templos de Umbanda. Ela tem atualmente 2.000 filiados, e, de acordo com o site do Santuário, é a maior federação de seu tipo no país. Muitos desses filiados realizam suas atividades religiosas e rituais em um dos terreiros de aluguel do Santuário, dos quais há muitos. Por uma taxa de 50 reais, os visitantes são livres para adorar e realizar ofertas dentro da floresta, perto das rochas ou das cachoeiras, ou nos locais de cada um dos principais orixás da umbanda e das linhas espirituais, desde Yemanjá aos Pretos Velhos. Uma área especialmente pavimentada serve para cerimônias voltadas para os Exus, na qual velas podem ser seguramente acesas, e alimentos e outras ofertas sagradas podem ser despachados de forma adequada e em devido tempo por parte dos trabalhadores do Santuário. "Não há nada como isso em todo o Brasil", diz Ronaldo Linares de seu Santuário, também conhecido como o Vale dos Orixás.

Quando visitei o Santuário, Linares alegremente alternava entre acolher o povo que chegava no portão do Santuário e tendendo à loja de lembranças e materiais de culto logo após a entrada, que vende desde livros a estatuetas e velas. Em seu escritório, uma pequena sala no primeiro andar dentro das paredes do portão do Santuário, cujo acesso é através de umas escadas estreitas, Linares nos mostra o que ele diz ser um tambor macumba com 90 anos, e nos falou de seu plano de criar um museu de Umbanda com um conjunto de outras peças religiosas antigas que ele colecionou ao longo dos anos. Isto incluía um canhão do século 19 que ele recuperou de dentro de um navio afundado, nos seus tempos de mergulhador. Mas, como outros à sua volta, Ronaldo Linares tem de lutar para manter o Santuário aberto e funcionando, uma vez que, apesar do seu bom relacionamento presente

com o governo local, este tem objeto de resistência contínua. Ele diz que as leis são constantemente criadas e propostas para interferir com o funcionamento da Umbanda, e especificamente, com o Santuário. Recentemente, ele acrescenta, a "política" Evangélica conseguiu fechar a estrada de terra batida que conduz ao Santuário da via principal, bloqueando-a por completo. Outra fonte de discórdia e luta têm sido os cartazes públicos anunciando o Santuário. Mais do que muitos, Linares conhece o preço da visibilização da Umbanda. Porém, retêm o seu otimismo frente àquilo que vê à sua volta: milhares de umbandistas anuais usufruindo de um espaço natural liberto de preconceito ou vigilância.

O lar deles em Pirituba

"O problema é às vezes o umbandista ainda não se mostra. Existe terreiro mas você não sabe que ele existe. Eles ainda são às vezes na garagem, no fundo da casa, não há muita estrutura..." Quando não estão trabalhando como consultores financeiros e professores de contabilidade, Sergio Martins e Valdir Gregório, ambos brancos e com quarenta e poucos anos, lideram o "Teu Lar", abreviação de Templo e Escola de Umbanda Luz de Aruanda, um templo-escola fundado em 2000 e localizado no bairro de Pirituba, no norte de São Paulo. Embora seja relativamente pequeno em dimensão, e simples em suas pretensões - atualmente com 34 médiuns de trabalho - o "Teu Lar" exerce uma forte presença em seus bairros circundantes e no seu distrito, nomeadamente, em virtude do seu trabalho social dedicado e contínuo.

Através de "Teu Lar", a ONG, uma entidade jurídica e praticamente separada de todas as atividades religiosas do templo-escola, Sergio, Valdir e suas respectivas famílias, montam workshops, seminários e palestras sobre temas de interesse social diversos como alcoolismo, dependência de drogas, sexualidade e saúde geriátrica. Eles também coletam alimentos e doações de roupas para distribuição, organizam visitas e cuidados aos lares carentes, entre muitos outros projetos. Embora as nomenclaturas das duas organizações sejam semelhantes, estão separadas. Como Sergio explica, "Quem tem mais interesse acaba percebendo que são na verdade a mesma instituição fragmentada entre o trabalho social e o trabalho religioso. Assim

damos oportunidade para as pessoas que não são da religião mas querem contribuir com trabalho social”. Mas o preconceito é abundante, eles dizem, especialmente quando eles se apresentam como “umbandistas”. No Brasil, o trabalho social com base em religião tem sido tipicamente a prerrogativa da Igreja Católica, bem como de centros espíritas e federações. Alguns templos umbandistas coletam doações para redistribuição, mas raramente eles realizam trabalho estruturado, centrado na educação ou no apoio social. Sergio e Valdir usaram o ímpeto e o entusiasmo demonstrado pela sua crescente família para contribuir com algo para suas comunidades como uma inspiração para desenvolver uma entidade que pudesse fazer justamente isso. Através de suas atividades, eles também descobriram outros, nos seus próprios cantos, participando de suas atividades sociais locais. "O primeiro preconceito é entre nós mesmos", diz Sergio. "Às vezes, entre uma e outra religião parece que há fragmentação mas não é tanto assim. Há muito mais em comum do que pensávamos." Quer se trate de casas de candomblé ou outros templos de Umbanda, ou até mesmo as Igrejas, Sergio e Valdir reconhecem que há preocupações maiores que unem muitas vezes espaços religiosos aparentemente díspares. "Teu Lar", a ONG, recebe fundos governamentais limitados como uma instituição sem fins lucrativos, orientada socialmente, mas o dinheiro é quase insuficiente para fazer uma diferença real. Para isso, Sérgio e Valdir mobilizam suas redes e simpatizantes.

Quando eu cheguei em Pirituba em uma noite de outono para conhecer os líderes do "Teu Lar" e sua família ritual, Sergio, ou Deyi como ele também é chamado devido a uma iniciação que recebeu em Ifá, estava em pé na frente de um grupo de cerca de trinta pessoas, com crianças incluídas, falando com entusiasmo sobre os preparativos que estavam prestes a começar para o Dia das Crianças, esse domingo. A sessão para os erês, ou entidades Criança, é uma das datas espirituais mais importantes do calendário Umbanda. Os erês são considerados um dos três pilares da cosmologia de Umbanda, trazendo renovação, vitalidade e alegria na vida das pessoas. Mas o Dia das Crianças é também uma comemoração *para* as crianças, e com eles. Cerimônias espirituais tais como as das Crianças são geralmente festas suntuosas onde não há escassez de chocolates, doces, gomas, refrigerantes e bolos. A atmosfera é festiva,

pois os médiuns podem passar horas incorporando alegres e infantis entidades espirituais que se entretêm jogando com brinquedos e doces no chão, e ao mesmo tempo dando consultas.

Em áreas urbanas humildes, tais como aquelas onde "Teu Lar" está localizado, estas festas são vistas com muita expectativa, assim como as cerimônias dos Pretos Velhos, no dia 13 de maio de cada ano: não só são oportunidades para reunir a comunidade em confraternização, mas são ocasiões onde as pessoas são convidadas a participar e desfrutar de alimentos e guloseimas às quais nem sempre podem ter acesso. Para se preparar para a cerimônia das Crianças no domingo seguinte, os médiuns e voluntários do "Teu Lar" estavam ocupados fazendo sacos de presentes para as crianças, carregados de doces e chocolates. Estes pacotes cobriam a primeira metade do interior do templo, e estavam sendo colocados ao lado do Gongá. No final da tarde daquele domingo, esta mesma área estaria coberta de fuligem pegajosa e doce. Enquanto que me sentei com os dois amigos e dirigentes em uma mesa que se tinha reservado para nós perto do altar, Valdir contou que tinha acabado de voltar de uma visita a uma casa de senhoras no centro de São Paulo, um centro que abriga mulheres cujas famílias essencialmente as abandonaram à própria sorte em sua velhice. Mas o centro é tão pobre que, por vezes, as velhinhas ficam sem comida suficiente ao diário. Este é um projeto ao qual o "Teu Lar" espera poder se dedicar nos próximos tempos. Sergio e Valdir insistem que todas as intervenções têm que ser respeitosas, seja em trabalho social ou na Umbanda. "Tudo o que podemos fazer para não ficar no caminho das pessoas na sociedade que nos rodeia, a gente faz. À noite, quando fazemos nossos ritos, temos uma preocupação com o ruído, temos uma preocupação com o lixo, temos uma preocupação de nos organizarmos e fazermos parte da sociedade, e não entrar em atrito com ela. Então, isso faz com que a gente ganhe um respeito e interaja bem com todo mundo, que não é fácil!"

Uma atitude semelhante permeia a sua perspectiva sobre "outras" formas de Umbanda. "Preferimos celebrar as semelhanças do que diferenças", diz Valdir candidamente. "A Umbanda tem uma coisa fantástica que é que todo mundo que olha para ela pode achar alguma coisa em seu lugar". Nos olhos destes dois umbandistas, a Umbanda é uma religião aberta e flexível, sem prejuízo das posições e das necessidades de quem a pratica, o que pode

ser determinado a nível de diferentes comunidades, sociedades e regiões do Brasil. Sergio, que também é autor de um livro sobre teologia de Umbanda, expressa esse sentimento com elegância.

Normalmente as pessoas tentam rotular a Umbanda em vertentes diferentes - esotérica, carismática, cruzada, e perguntam como nós somos. Quando alguém vem aqui e insiste muito nessa pergunta a gente costuma dizer que somos “evolutivos”. O “evolutivo” quer dizer que a nossa consciência de amanhã – que nós amanhã – possamos fazer alguma coisa diferente do que fizemos hoje. Que nós vamos tendo cada vez mais consciência. Como o próprio universo que está em expansão, nós também consideramos que estamos sempre em expansão – sempre tentando aprender alguma coisa nova, observar alguma coisa, com muito bom senso (...). Eu costumo dizer isso, que a Umbanda no astral deve ser uma ideia. E essa ideia está sendo aproveitada conforme as ferramentas que estão disponíveis. Então nós vamos ver realmente Umbandas muito diferentes. E todas elas tentando se adaptar ao lugar onde nós estamos, seu universo. Às vezes acabam centralizando demasiado as coisas.

Eu escolhi este exemplo - de "Teu Lar" - não apenas para mostrar que alguns umbandistas contemporâneos nas áreas urbanas são escolhendo construir caminhos de envolvimento com suas comunidades, evitando, assim, a noção de uma Umbanda recuada da esfera pública, inconsequente, mas também, para mostrar que esta mesma população de jovens praticantes está articulando uma perspectiva teológica que tende a ser incorporativa, não exclusiva. Enquanto Sergio, como o principal pai-de-santo do seu templo, reitera a importância das raízes religiosas e das tradições em seus lamentos sobre a falta de formação dos Sacerdotes de hoje – ele diz que muitos médiuns nos dias de hoje não tem um passado ou uma história de envolvimento com uma casa religiosa e seu povo - ele também valoriza uma abordagem mais livre e mais estudiosa de desenvolvimento na Umbanda, uma perspectiva que mostra fortes continuidades com um etos crescente na prática urbana de Umbanda em geral.

Existe todo um universo que a gente não consegue explicar. Mas a gente não pode rotular tudo como mistério. Então, algumas coisas a gente pode fazer algumas referências, e ficar um pouco mais confortável. (...) Esse conceito de estudar, de se preocupar em entender melhor, para alguns médiuns novos é

um absurdo, porque ele quer viver nesse mundo magístico. Então, ele não quer analogia, ele quer vivenciar aquilo que não tem explicação. E ele vive bem daquele jeito. Enquanto outros são críticos, especialmente esses que tiveram religiões diferentes, eles têm um ponto de vista muito cético. (...) Eu posso estar dando alguma matéria para meus médiuns, e eles podem estar consultando a Internet ali e vendo pontos de vista muito diferentes sobre o assunto. E a Umbanda, especialmente a Umbanda em São Paulo, ela tem uma preocupação muito forte com isso, porque as pessoas em São Paulo querem informação!

Sergio parece estar no caminho certo ao sugerir que os centros urbanos estão começando a ver uma busca demograficamente influenciada por uma Umbanda mais acessível e informada; uma Umbanda com respostas, e com tolerância.

Renovação teológica

Concebida e fundada pelo carismático médium Rubens Saraceni, a Umbanda Sagrada tem como missão a reeducação teológica de praticantes contemporâneos, baseada nos ensinamentos de guias espirituais de Saraceni, o Preto-Velho Pai Benedito de Aruanda, e vários Mestres de Luz. O núcleo desta reformulação, o que alguns vêm como uma tentativa contra intuitiva de "recodificar" a Umbanda, é uma nova visão das bases de existência da Umbanda, inclusive, uma gênese complexa do mundo e seus seres através de uma teorização sobre a química espiritual cósmica e seus modos de manifestação e criação; a organização de seus espíritos de acordo com "arquétipos" e suas funções; e uma integração de práticas mágicas no panorama ritual contemporâneo da Umbanda. A doutrina de Saraceni, que vê circulação maciça em livros e através de um Colégio de Umbanda, criado no final da década de 1990, está provocando um impacto profundo na cena umbandista em São Paulo. Em meu trabalho de campo, entrevistei tanto Saraceni como alguns dos líderes de templos que desenvolveram debaixo dele, assim como alguns de seus detratores. Observações preliminares mostram uma estreita associação entre a popularidade da Umbanda Sagrada e o crescimento de uma nova geração de umbandistas altamente alfabetizada e com fome de informação, conectados à internet consumidores de livros, e insatisfeitos com os modelos tradicionais de hierarquia e deferência. Um dos aspectos mais significativos deste novo movimento é a sua

reformulação de símbolos da Umbanda. Os seus praticantes sustentam um universo de entidades espirituais que não são vistos tradicionalmente como "espíritos" - com vidas passadas como Pretos-Velhos, Caboclos, etc - mas como seres fluídicos que assumem a tarefa de trazer mensagens de acordo com a "vestimenta" fluídica que materializam. Esse entendimento se baseia em um conceito da existência necessária de uma relação entre a linguagem cultural e psicológica das pessoas, e as aparências e missões dos espíritos. Isso deixa espaço para o potencial gerador da própria cultura na cosmologia - novas "linhas" de espíritos são vistas como emergindo de cruzamentos históricos do Brasil - sem de fato postular o último como um produto direto do primeiro. No entanto, com o surgimento dessa nova interpretação potente de Umbanda, os discursos que polarizam "codificação" e "doutrinação" contra a diversidade que é conceituada como um dos núcleos da Umbanda, também surgiram.

Eu tinha telefonado a Rubens Saraceni para pedir uma entrevista. Mas fui imediatamente convidada a assistir a uma das aulas do Colégio naquela mesma noite. Algumas horas mais tarde, lutei contra a infernal hora de pico no metrô da cidade e cheguei no bairro do Belém apenas a tempo para o que eu pensava que seria uma aula pequena, até íntima. Em vez disso, quando virei a esquina da rua onde eu sabia que se localizava o Colégio de Umbanda Pai Benedito de Aruanda, eu vi como uma longa fila de pessoas esperava contra a parede esperando sua vez de entrar no edifício da escola. A escola templo era no topo de umas escadas no primeiro andar. Lá em cima, cerca de 250 pessoas se instalavam em suas cadeiras brancas de plástico, de frente para o topo de uma grande sala, tipo auditório, com janelas em duas das longas paredes. Quando o murmúrio e o barulho dos papeis morreram, Rubens Saraceni apareceu do seu pequeno escritório perto de um impressionante gongá, e agarrou um microfone. Sua voz era quase inaudível da distância que eu estava, e ele andava de um lado para outro, gesticulando enquanto falava. É um homem enérgico, que parecia mais jovem do que os seus sessenta e tantos anos. O tema da palestra desse dia era como "firmar" os orixás de um templo. Lembrei-me que o terreiro estava repleto de aspirantes mães e pais de santo, homens e mulheres, velhos e jovens, de pele clara e escura, olhando com antecipação, cientes do prestígio do curso que estavam passando. Os materiais de classe foram entregues,

fotocópias passadas ao redor, e as pessoas começaram a tomar notas quando Saraceni começou sua palestra. Depois de discutir os detalhes do processo de oferendar para os orixás do templo durante uma hora inteira, Saraceni discutiu outras questões, tais como o quanto é importante unificar a Umbanda ritualmente, para identificá-la como uma religião, como o catolicismo, o judaísmo, o islamismo. “Precisamos de um símbolo comum para colocar fora de nossas portas”, disse ele, “para mostrar ao mundo quem somos”.

"Me lembro do tempo em que os templos de Umbanda nesta cidade botavam o símbolo de seu Preto Velho ou seu Caboclo no lado de fora da sua porta, para identificá-lo como um templo de Umbanda. Mas agora todo o mundo se esconde. Ninguém sabe que estamos aqui, e os Evangélicos se aproveitam disso para continuar a nos oprimir. É importante ter um único símbolo, quer se trate de um pentagrama ou outra coisa. Isso cria a visibilidade, e nós precisamos muito disso. O sonho dos evangélicos é ter um presidente evangélico para que ele possa matar todos nós! "O terreiro vibrou com o riso dos alunos. "Eles se aliaram ao poder político, eles estão lá. Precisamos de lutar com unidade e visibilidade".

Rubens Saraceni não é um homem que foge à crítica ou conflito. Ele sabe muito bem que as suas "revelações" irritaram muita gente e que guerras têm sido travadas contra ele e sua doutrina desde que ele começou a publicar nos anos 1990, e especialmente desde que ele abriu a escola em 1999. As pessoas são ciumentas e inconstantes, ele me diz, quando nos sentámos no grande templo, no dia seguinte. Saraceni se sente um homem perseguido, às vezes até odiado. Umbanda tornou-se o comércio para muitas pessoas, ele reclama com naturalidade. Segundo ele, um monte de pais-de-santo estão muito ansiosos para “fazer a cabeça” de seus “filhos”, e acabam ganhando muito dinheiro com eles. Isto não é Umbanda mais. Não quando o pai-de-santo não deixa seus médiuns exercitarem suas faculdades e consultar o público com suas entidades. Não quando eles não estão autorizados a continuar aprendendo, lendo, participando de cursos. Saraceni diz que ele é muitas vezes o destinatário da magia negra de pais-de-santo cujos “filhos” vêm para as aulas dele em segredo, querendo aprender, mas proibidos por seus líderes. Para Saraceni, essa preocupação com a iniciação no candomblé está descaracterizando a Umbanda. Se o templo de Umbanda está limitado a cultivar os orixás,

então seus médiuns não passam por uma transformação íntima religiosa, e não há nenhuma preparação. Não há doutrina, não há nenhuma vivência pessoal. Mas essa preparação é fundamental para a evolução do ser humano, para o crescimento de seu pensamento. Se não houver nenhuma preparação você não pode dizer que a pessoa está a seguir uma religião; vale tudo, diz Saraceni criticamente.

E, seus críticos Saraceni chama alguns de "acomodados". São pessoas que não querem aprender nada e que não aceitam a inovação, diz ele. Eles sabem que eles são capazes de fazer uma oferenda a um orixá. Eles sabem que podem fazer um trabalho com um guia espiritual. E isso é o suficiente para eles. Sua religiosidade é reduzida a isto: incorporando seus guias, abrindo seu trabalho ritual, e pouco mais. No entanto, os detratores reais, Saraceni adverte, são os que mais depressa compram seus livros. Eles querem saber quem é seu inimigo, mesmo que seja apenas para falar besteira sobre ele. Eles são vaidosos e ameaçam os seus próprios médiuns se lerem o material, se estudarem. Eles não se dão ao trabalho de reorganizar suas cabeças em torno desta de novas informações para realmente poder ter respostas para algumas das perguntas de seus médiuns. Eles são patéticos, diz Saraceni.

O trabalho de Saraceni é baseado em informações transmitidas a ele em formas de mediunidade inspirada por espíritos, a maior parte importante dos quais são Pai Benedito e uma entidade chamada Mestre Seiman Hamiser Yê. Enquanto o primeiro é creditado com o desenvolvimento do conceito de "mistério divino" no trabalho de Saraceni, o segundo é creditado com o iniciar um corpo de conhecimentos práticos e fórmulas mágicas na Umbanda de Saraceni. Não muito é articulada sobre Mestre Seiman, mas Saraceni tem uma visão mais clara de quem é Pai Benedito. Nascido na África, diz ele, Pai Benedito foi trazido para o Nordeste do Brasil como escravo, por volta do ano 1630. Segundo Saraceni teve uma vida curta, falecendo com 38 anos. Significativamente, Pai Benedito uma vez revelou à esposa de Saraceni que numa encarnação prévia ele viveu na Itália como Dante Alighieri, antes de ser Africano. Não precisando de reencarnar mais, Saraceni descreve a sua missão atual como uma "de trazer conhecimento fundamentado para Umbanda para que ela não precisa depender de ninguém". A própria trajetória de Saraceni é indissociável do Pai Benedito.

Saraceni começou publicando seus manuscritos no final da década de 1990. Mas, segundo ele, ele já tinha acumulado uns 60 livros antes de que começou este processo editorial. Antes do Colégio ser concebido e implementado, Saraceni usaria os capítulos desses manuscritos inéditos para ensinar os seus próprios "filhos" rituais – sobre gênese, teologia, teogonia, orixás, e assim por diante. Vendo que estas aulas se tornavam cada vez mais ricas em informação, a ideia da criação de uma instituição de ensino maior, mais pública, tomou forma. Mas Saraceni acredita que ele estava escrevendo inspirado mesmo antes de saber que estava. Quando ele começou na Umbanda, ele trabalhou com dois Pretos Velhos - Pai João de Mina e Pai João do Cruzeiro. Não Pai Benedito. Ele havia frequentado anteriormente um centro espírita comandado por uma entidade chamada Pai Titi, que é curto para Benedito. Em seguida, ele passou curso com Ronaldo Linares, quem também trabalhava com um Preto Velho Pai chamado Benedito. O próprio Pai Benedito de Saraceni começou a aparecer a partir deste ponto. Foi Ronaldo que intuiu que o Pai Benedito de Saraceni era de Aruanda, batizando-o como tal. Então, um dia, em 1990, Saraceni se sentou para escrever algumas notas. Mas ele não parou. Escreveu e escreveu. As palavras saíam com lucidez, organizadas. Saraceni diz que chegou um momento em que ele percebeu que estava realmente escrevendo um livro, um livro que acabaria por ser assinado por Pai Benedito de Aruanda. Ele sabia que os espíritas faziam psicografias, mas não umbandistas.

Naquela época Saraceni estava trabalhando com seus guias, tinha seu próprio centro, estava contente. Mas este era um outro jogo. Quando o Colégio finalmente abriu suas portas em 1999, Saraceni e seu povo tinha uma doutrina volumosa para ensinar, ousada, inovadora, diferenciada. Mais importante, ensinariam uma doutrina que estava buscando fora da Umbanda respostas e legitimação. Para Saraceni, os antigos autores ofuscaram mais que elucidaram a Umbanda. Nos anos 40 e 50 a Umbanda era nova. E seus líderes firmemente ligados ao Espiritismo e sua literatura. Então, eles escreveram textos; textos sobre magia, textos sobre teologia, textos sobre as entidades. Mas eles não tinham referências internas com as quais se guiar. Eles procuraram basear suas doutrinas no Espiritismo, Hinduísmo, Budismo, Hermetismo, numerologia, astrologia e esoterismo ocidental, entre outros. Eles

fizeram um bom trabalho com a informação que tinha disponível na época, mesmo se houvesse um monte de fantasia também. "Mas ninguém culpa eles", diz Saraceni. "Eles não tinham a abertura mental para fundamentar suas teorias sobre os mistérios divinos que agora sabemos que são universais e presentes em todas as religiões. Eles fizeram as coisas mais complicadas, mais fechadas, inacessíveis. A doutrina não é feita para ser hermética; como isso iria alguma vez ajudar alguém?"

Algumas pessoas vêm os espíritos da Umbanda literalmente - como espíritos ou almas de pessoas que viveram, ou seja, como um escravo, ou um indígena, ou uma criança, ou uma prostituta - que agora trabalham através de médiuns, seja para a sua própria moral "evolução" ou a dos outros. A Umbanda Sagrada, ao contrário, considera os espíritos como manifestadores de algo, ou seja, de algum aspecto ou qualidade de Deus, chamado de "mistério", e como tal, não como intermediários entre uma entidade superior e um mundo humano, mas como um fim, ou uma mensagem, em si mesmos. Na Umbanda Sagrada todos os seres, encarnados ou não, têm uma origem em Deus, ou Olorum, o princípio de geração. O "mistério" é algo que está em Deus e que é gerado e emanado por ele. Cada guia espiritual dentro da Umbanda é iniciado em um mistério de Deus, que o seu nome simboliza, como Caboclo "Sete Flechas" (sete setas), ou que o seu nome oculta, como Pai João "do Congo" (2012a: 31). Segundo Saraceni, há sete vibrações divinas sob as quais todos os seres, animados e inanimados, e todos os elementos da natureza, podem ser classificados. Cada um desses seres é uma condensação ou cristalização de uma qualidade dessa banda vibratória, banda que está associada com os sete orixás principais do panteão Umbandista. A Umbanda Sagrada postula espíritos que são altamente preparados para desenvolver suas tarefas dentro de sua "Lei" e sob a orientação e consentimento dos orixás. Alguns desses espíritos são espíritos "de Lei", intimamente associado com os orixás, e outros ainda não atingiram esse grau, mas incorporam em médiuns usando nomes simbólicos que os individualiza em suas missões. Segundo Saraceni, os espíritos "de Lei" atraem naturalmente muitos outros espíritos, que irão trabalhar sob seu comando e instrução. Juntos, eles irão fornecer assistência para o trabalho religioso e mágico dentro de Umbanda (2013: 17-18). Enquanto o menos evoluído desses

espíritos moldar-se-á de acordo com a memória que mantém das suas existências anteriores, o mais evoluído é concebido como luz pura, e pode, portanto, assumir qualquer forma que deseja. Na Umbanda, estas formas são dadas por ideias sustentadas em uma espécie de consciência coletiva nacional, os arquétipos. Saraceni chama essas formas, formas plasmáticas. Cada um desses arquétipos revela um "mistério". Mas além disso, segundo ele, "Caboclo" é um grau de ser, ao invés de uma identidade, refratando-se como qualidades do mesmo grau nas diferentes linhas, por exemplo, Caboclo de Oxossi é um guia que se molda como um Caboclo com a qualidade de Oxossi. Mas mesmo um guia espiritual está sujeito a um complexo processo de diferenciação. Saraceni sustenta que existem 77 graus de guias espirituais, o 77 sendo o mais alto, realizando funções que vão de instrutores e instrutores mestres, a guardiões dos mistérios e guardiães da vida. A partir do 77 em diante, os espíritos estão a par com os orixás (2012b: 88).

A Umbanda Sagrada articula uma cosmogonia complexa, ou criação divina, onde as "linhas vibratórias" de Deus ou "ondas" se desdobram em vários aspectos da existência, material, psicológica, cultural e espiritual.

Não há um lado "externo" neste universo; todos os seres estão dentro dele, incluindo os médiuns que incorporam os manifestadores de seus "mistérios" e que fazem parte do seu mais amplo padrão. Estes "manifestadores" espirituais, de acordo com a doutrina de Saraceni, são magos mestre, valendo-se de elementos vibratórios inumeráveis, tais como fogo, água, giz e outros materiais, como flores, frutas e alimentos, a fim de responder às suplicas e de alcançar o bem-estar dos seres humanos. Segundo Saraceni, os nomes das próprias entidades são uma indicação de como essa "magia" pode ser alcançada, uma vez que são uma indicação das linhas de ação e influência à qual cada espírito pertence. Por exemplo, Pomba Gira Ventania trabalha na linha de Iansã, a divindade do vento, enquanto Exu Pedra de Fogo trabalha com as divindades Xangô e Oxum (associada com os elementos de pedra e fogo) (ver 2012a: 85-88). Saraceni lembra o leitor em muitos de seus livros que o nome da entidade muitas vezes fornece um indício das vibrações (orixás, os elementos naturais, espirituais e qualidades sociais) com as quais ele trabalha. Ele chama estes indícios, "chaves". Estas, por sua vez, estão

associadas com poderes, que ele chama de "fatores", e que incluem: fator de magnetização, fator de aceleração, fator multiplicação, fator de condensação, o fator de regeneração, e assim por diante (ibid: 94).

Saraceni vê as linhas não como singularmente dirigidas ou constituídas mas como cruzada, produzindo seres que são híbridos, manifestando combinações de irradiações e qualidades. Assim, um guia espiritual único pode manifestar as qualidades de três linhas diferentes. Isso, também, é a base do corpo de literatura que Saraceni escreveu sobre princípios mágicos, cultivado, predominantemente, por meio de informações recebidas do Mestre Seiman. Seguidores dessas práticas usam formas geométricas, mandalas, cores e ingredientes naturais e elementos, bem como língua sagrada e mantras, com os quais evocar os resultados desejados. O princípio por de trás dessas ações é o conhecimento dos padrões vibratórios e as qualidades destes materiais.

Umbanda Sagrada está crescendo em seguidores. Um dos seus primeiros alunos foi Alexandre Cumino. Jovem, com 40 e poucos anos, o sereno Alexandre Cumino é autor de um volume influente na história da Umbanda (2010), entre muitas outras publicações. É também o fundador e diretor do Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca, um templo-escola criado em 2004 em São Paulo a fim de promover o exercício e ensinamentos da obra de Rubens Saraceni, e editor do Jornal de Umbanda Sagrada, um jornal sem fins lucrativos criado em 1999. Alexandre conheceu Saraceni em 1995. Ele estava começando a explorar seu interesse e talento para a Umbanda com um pequeno grupo de pessoas, nenhuma das quais tinha qualquer formação adequada ou iniciação. Por alguns anos, tinham exercido a sua mediunidade apenas entre amigos através da realização de cerimônias de incorporação a partir de um pequeno apartamento. Alexandre estava consciente, então, que ele estava praticando Umbanda sem realmente saber o que era. Mas ele não se contentou nesta ignorância. Foi à procura de respostas. Saraceni lhe ofereceu tudo o que tinha, de forma aberta, quando todos os outros líderes que tinha abordado pediam devoção em troca do que ele sentia eram migalhas de conhecimento. Eles diziam para ele: você quer ser meu filho de santo? Você quer saber os meus segredos? Então você precisa de beijar minha mão, bater

cabeça para mim, me chamar de pai, dizer que eu sou lindo e maravilhoso. Rubens era diferente. Quando Alexandre o conheceu, Rubens lhe contou que ele vinha recebendo uma gama grande de informação do mundo espiritual, e que ele tinha de compartilhá-la de alguma forma, sem discriminação, sem elitismo. No ano seguinte, o espírito mentor de Rubens pareceu concordar, e começaram a construir as bases de um curso de Umbanda, projetado para qualquer um que quisesse aprender. Alexandre foi um dos seus primeiros alunos e discípulos.

Alexandre sabe que a realidade de hoje é diferente do que era, e, como professor, ele mesmo deve reconhecer e responder a esta mudança.

O mundo mudou. No mundo em que todos vivemos agora há esse negócio incrível chamado Internet. E se você não quer ensinar”, Alexandre diz, “o médium entra na Internet e aprende sozinho. Não quer dizer que vai aprender o certo, ou, de acordo com o que *você* acha que é correto. Mas o universo informação está lá: vídeos, textos, cursos on-line. Essa nova geração de umbandistas é uma geração muito ligada, muito antenada, eles querem saber, querem estudar. E então essa nova geração entra em choque com a velha geração. A velha geração que achava que as coisas tinham que ser um segredo, que as coisas tinha que ser guardadas, que você não poderia contar. E isso, *na* Umbanda, não é verdade, nunca foi. Isso é uma verdade no candomblé, o candomblé é uma religião de segredo. A Umbanda é uma religião brasileira. Não é uma religião de segredo. O Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas costumavam dizer assim, a Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade. E, dentro desse universo, nós vamos aprender com quem sabe mais, e ensinar quem sabe menos. E não virar as costas para ninguém

Alexandre acredita que isso é essencialmente o que Rubens Saraceni tentou fazer. E foi pioneiro, e portanto, muito perseguido também. Segundo Alexandre, pessoas ressentiam ele por ensinar aos outros o que eles viam como os seus segredos. As pessoas sempre fizeram dinheiro com esses segredos, de dizer aos outros que eles tinham sido vítimas de magia negra, e convencê-los a ficar na dependência do pai de santo. Alexandre sorri quando pensa em como Rubens tem subvertido isso. “Ali estava ele, passando todo o seu conhecimento aos seus alunos, praticamente de graça, por ninharia, enquanto todo mundo estava cobrando uma fortuna. E lá estava ele, publicando romances psicografados, quando, até então, apenas os

espíritas se atreviam a fazê-lo; só espíritas tinham um mercado”. Alexandre lembra que quando ele começou a desenvolver sua mediunidade percorria as livrarias da cidade caçando literatura sobre Umbanda, devorando tudo o que parecia útil em sua busca. Então um dia ele entrou em uma livraria que ele conhecia bem e o assistente lhe disse: "há um livro lá que pode lhe interessar, um romance psicografado por um umbandista". E ele se virou para o assistente perplexo: um umbandista? Um espírita talvez, ele respondeu. Mas o homem disse: "não, é de Umbanda. Foi escrito por um Preto Velho". "Passe para cá", Alexandre lhe tivera dito. Foi o primeiro romance de Saraceni, *O Guardião da Meia Noite*. Um paradigma havia quebrado. Alexandre diz haver testemunhado em primeira mão como a literatura de Saraceni abriu o desejo por parte de um público umbandista de ler. Antes eles tinham lido livros espíritas e principalmente romances: Chico Xavier, Zíbia Gasparetto, outros famosos. Agora, era literatura caseira, Umbandista. Caseira como a própria Umbanda de Saraceni visava ser.

Apontamentos para uma discussão

Em seu artigo clássico sobre símbolos (1973), Sherry Ortner faz uma distinção entre o que ela chama de "sumário" ou símbolos "sagrados" e símbolos de "elaboração". Símbolos sagrados são emocionalmente poderosos e impactantes em si (2008: 154). Ela cita a bandeira Americana como um exemplo; evoca instantaneamente lealdade ao país, democracia, e aí em diante. Símbolos elaboradores, por outro lado, são símbolos que podem ter poder de duas maneiras: eles podem ter poder de elaboração conceitual, tornando-se fontes de categorias para ordenar o mundo, ou eles podem ter poder de ação, implicando mecanismos para ação social (2008: 154). Metáforas de raiz, como o organismo vivo, a roda, a máquina, e, mais recentemente, o computador (ibidem: 155), são exemplos do primeiro tipo de símbolo - imagens para se "pensar", por assim dizer. Estes símbolos organizam a compreensão cognitiva e cultural através de meios imagéticos e linguísticos. Outra forma símbolos fundamentais podem tornar-se poderosos é na sua capacidade de organizar ou criar o impulso para a ação. Ortner chama a esses símbolos "cenários chave" e argumenta que eles são valorizados porque formulam as relações básicas de uma sociedade em formas pragmáticas (ibid: 155). Muitos

deles vêm na forma de mitos, provérbios, morais, mas também rituais e performances culturais. Ortner não vê estes tipos de símbolos como como opostos, mas em um contínuo; o primeiro prestando significados indiferenciados e flexíveis, e o segundo fornecendo o veículo pelo qual esses significados são desdobrados, ordenados e articulados na vida social.

Estas distinções são interessantes porque são parecidas às diferenciações operadas auto reflexivamente na própria ontologia da Umbanda Sagrada. Isto é, como categorias êmicas. Os praticantes e seguidores deste movimento tem o arquétipo como o tropo emotivo e moral final. Tanto Saraceni como outros que entrevistei apontam para a primazia do que poderíamos considerar como símbolos de impacto na Umbanda: arquétipos, manifestos através dos espíritos. Mas aqui não é o espírito que mascara o símbolo, como muitos antropólogos de Umbanda diriam, mas o símbolo que mascara o espírito. Tão cientes são os praticantes da Umbanda Sagrada do elemento simbólico de sua religião que este é entendido como um dispositivo ontológico primário para o mundo espiritual em si. Assim, o espírito do Preto Velho não esconde secretamente algum aspecto do imaginário coletivo Brasileiro, sem que os seus médiuns o saibam conscientemente; é ao contrário, estes mesmos médiuns defendem que, sem essa consciência histórica e nacional, não há manifestação do espírito. Na doutrina de Saraceni, os símbolos implícitos nas identidades dos espíritos são propositadamente operacionalizados como ferramentas para a ação e efeito, símbolos que, finalmente, eliminam a distinção feita por Ortner entre um símbolo de elaboração conceitual e de ação, pois são ambos. As "linhas" são tanto dispositivos de ordenação de o universo, fornecendo a base simbólica para as operações mágicas recuperam a ordem (bem-estar), e, em virtude de uma concepção vitalista da existência, eles *são* esta ordem em si, manifestando a auto geração e auto ordenação de Deus, dentro de quem tudo é englobado.

Símbolos, neste Umbanda, então, representam-se a si mesmos, e fornecem o modelo pelo qual o mundo e seus seres humanos podem se produzir. Nesse sentido, a Umbanda Sagrada está na interface entre o que o antropólogo Don Handelman chamaria um cosmos intra-conectivo, poroso, expansivo e abrangente, mantido partir de dentro; e um cosmos limitado, que mais facilmente atinge os seus próprios limites, e que é normalmente mantido a

partir "de fora", como por conceitos de crença (2008). O primeiro tipo de cosmos é evidentemente mais característica de cultos de possessão espiritual. Eu diria que a Umbanda pelo geral encaixa neste "tipo". Mas a ontologia do símbolo da Umbanda Sagrada coloca alguns freios fundamentais no sistema, principalmente interpretação de Saraceni. Enquanto que ele afirma que Pai Benedito apenas forneceu o esqueleto de um crescente corpo de doutrina e de conhecimento, e, na verdade, a manifestação do espírito em si é potencialmente infinita, certamente há chaves que ele detém são imutáveis, por exemplo, os "mistérios". Estes "mistérios" de Deus poderão se expressar de inúmeras formas culturalmente, ou até mesmo dentro da própria Umbanda, mas são inerentes à natureza do universo, à a ordem das coisas, ao caráter da existência humana. A Umbanda em si torna-se então em um símbolo, ou um conjunto de símbolos, de uma verdade maior, que deve necessariamente manifestar-se, simbolicamente, e variadamente. A meu ver, a doutrina de Saraceni torna explícito o que eu encontrei implicitamente entre muitos umbandistas de outras faixas: a noção de que a Umbanda é uma expressão histórica específica de algo que, por definição, não está confinado a esta história, algo que conscientemente procurou no quadro arquetípico brasileiro um meio de se expandir e alcançar o seu objetivo.

No entanto, a Umbanda Sagrada parece lidar com uma tensão fundamental. Por um lado, como insiste Saraceni, a Umbanda deve apresentar uma frente unida, de uma única religião, com um único conjunto de preceitos teológicos. Para ele, é apenas uma questão de tempo até que o resto do universo Umbandista compreenda e aceite a lógica da doutrina de Pai Benedito. Por outro lado, como os escritores e umbandistas Alexandre Cumino, Adriano Camargo, e outros que entrevistei, sustentam, vamos ver diferenças regionais muito fortes e até mesmo intra-regionais entre os templos, e essa é a ordem natural das coisas. Cada casa, Adriano Camargo argumenta, tem sua própria estrutura "enérgeo-magnético", segundo a qual certas fenomenologias arquetípicas são sustentadas. Elvira, outra mãe-de-santo que entrevistei atribui essas diferenças aos exemplos que cada líder dá aos seus médiuns aprendizes, mas a mensagem aqui é a mesma: a Umbanda gera diferenças em virtude da amplitude ou imprecisão de seus arquétipos espirituais, diferenças que nascem de conceitos, bem como das

expectativas do coração. Saraceni não teria nenhum problema com isso, desde que esses processos de diferenciação forem compreendidos dentro de um quadro teológico comum maior. Mas e se eles não o são? Pluralidade ao nível da manifestação espiritual não é o mesmo que a pluralidade ao nível da prática.

Muitos umbandistas sentem que uma codificação da Umbanda ameaça frear o que são necessariamente tipos de práticas muito diferentes, práticas que têm tanto direito de existir como qualquer outra. Como Sergio Martins do TEU LAR diz, todo mundo vê algo diferente quando eles olham para a Umbanda; para ele, a Umbanda não é uma única coisa, mas um prisma de percepção. E isso pode ser bonito. Mas também pode ser confuso e improdutivo. "Tudo acaba por ser chamado Umbanda", diz ele com pesar. Sergio e Valdir tem receio a rótulos, pois eles também são contra qualquer tentativa de codificar a Umbanda, ou unificá-lo de acordo com uma única doutrina. A codificação para muitos não é só negativamente remanescente das tentativas intelectuais, que procuravam fazer da Umbanda algo higienizado de suas raízes afro-brasileiras, mas vai contra do espírito da manifestação espiritual aberta, que eles vêem como única e especial à Umbanda. Há outras questões. Alguns dos umbandistas mais tradicionais que eu conheci na cidade respeitam e até admiram Saraceni, mas resistem simpatizar demasiado com a sua abordagem, não apenas pelos perigos relacionados com o codificar um conjunto tão díspar de práticas, mas também pela rejeição da ênfase de Saraceni em magia. Ambos Umbanda e Candomblé têm uma longa história de refutar as acusações de magia negra na esfera pública (Maggie, 1992). O circuito umbandista de São Paulo tem sido efetivo em cultivar uma imagem moralmente "limpa" da Umbanda que cria a sua distância de uma esfera "macumbeira", sendo esta concebida como parte da comunidade de Umbanda ou não; isto, apesar dos ataques contínuos e vingativos dos neopentecostais. Talvez a ênfase da Umbanda Sagrada em operações e fórmulas mágicas é considerado por alguns umbandistas da cidade como demasiado ambíguo para ser tomado como a ciência exata e eficaz que Saraceni e seus seguidores acreditam que seja. Mas são as pretensões abrangentes do movimento da Umbanda Sagrada que realmente têm sido mais provocadoras. Em 2000, logo após Saraceni abrir seu Colégio, Francisco Rivas Neto (um discípulo de um dos intelectuais

mais conceituados na Umbanda, Mattos da Silva), conhecido por aqueles que o rodeiam como Pai Rivas, fundou a primeira universidade de teologia Umbandista no país, a Faculdade de Teologia Umbandista. Alguns dizem que a proximidade dos dois eventos não é uma coincidência.

Pai Rivas estava fora da cidade na época que visitei a FTU, então eu me encontrei com um docente e especialista em relações públicas da FTU, João Luiz Carneiro, que me falou sobre o propósito e o funcionamento da Faculdade. A FTU ministra cursos de pós-graduação na teologia de diferentes práticas religiosas, doutrinas e experiências religiosas; também tem módulos de "extensão" universitária, em que estudantes de outras universidades podem vir e concluir uma especialização ligada ao seu curso. Carneiro explicou-me que uma das características mais fortes do FTU é a tentativa de criar uma ponte entre uma linguagem acadêmica e religiosa; uma convergência, se você quiser. Centrando-se não em uma Umbanda ou Candomblé, mas em muitas variedades dentro de categorias abrangentes, Carneiro diz que a FTU procura explorar a diversidade como um princípio, não a unificação. Em particular, diz ele, o corpo docente da FTU trabalha com o conceito de "escolas", reconhecendo diferentes ramas da religião afro-brasileira, cujos rituais e cosmologias eles vêm como ligadas por certas preocupações chave - articuladas através de Rivas Neto de conceito de "vertente una do sagrado". Carneiro concebe isso como um reconhecimento da "diversidade de formas", o que não é equivalente a um abraçar do caos, já que por trás dessas formas existe uma única essência sagrada.

De fato, se na diversidade Carneiro descreve a FTU como encontrando tópicos e essências comuns, ele com igual veemência rejeita o extremo lógico dessas linhas comuns: a codificação. Para ele, a codificação será sempre à custa de um ou outro ramo da religião (digamos, dentro de Umbanda). Usando um modelo único para definir Umbanda significa excluir automaticamente todas as outras ideias e formas que não são coerentes com esse padrão. Quem é a autoridade? Quem decide o que está dentro e o que está fora? O discurso acadêmico já faz isso, diz ele. "Quando você fala sobre Umbanda na literatura acadêmica - digamos, nas obras de Ortiz, Negrão - basicamente você está discutindo Umbanda Branca".

De acordo com Carneiro, há uma razão pela qual as sucessivas tentativas de codificação sempre falharam. Eles raramente têm a capacidade de transformar-se em prática. E a própria prática dita que quase todos os terreiros serão diferentes, um para o outro, independentemente de se eles estão segurando os mesmos livros em suas mãos.

Carneiro explicou-me que a FTU trabalha com uma ampla estrutura teológica - que inclui um conceito de divindades (como orixás, voduns, inquices) e antepassados ilustres (como o Caboclo, Bahiano, e assim por diante) - com o qual elaborar mapas e estudos das diferenças. "Temos um conceito de espiritualidade como algo inerente a todo ser humano", diz Carneiro. "E cada um acessa esta espiritualidade através de um caminho particular." De acordo com ele, a espiritualidade transcende a noção de religião.

O próprio Rivas Neto explora essas diferenças em seu templo, que é aliado e fisicamente contíguo à FTU. Carneiro concebe do templo de Pai Rivas como um laboratório para os alunos da Faculdade, que não visitam a fim de aprender mediunidade si, uma vez que a FTU não treina médiuns ou iniciados, mas, a fim de observar as cerimônias diversas que ele executa, e se assim o desejarem, de participar. De fato, Rivas Neto é conhecido por seu ecletismo. O seu templo tem 7 rituais por semana, cada um articulando uma língua diferente religiosa, de Umbanda "mista" e Umbanda "Esotérica" a Quimbanda. Carneiro explica essa expansividade via a própria biografia eclética de Rivas Netos; isto é, pelo fato de que ele foi iniciado em muitas formas religiosas. Carneiro posiciona a FTU como o fornecimento de uma "interface de" muito necessária entre o mundo do crente e o do analista social. Nenhum dos mundos é insuficiente: o praticante sempre teve seu discurso claro, e o acadêmico nunca foi tímido de entrar em templos para pesquisar. Ele vê a FTU como proporcionando um espaço para forjar a conexão entre os dois. Mas ao fazê-lo, Carneiro sugere, a FTU automaticamente resiste ser englobada pelos discursos de ambos.

Independentemente de sua reivindicação de um meio termo teológico, me parece que a FTU é uma parte integrante dos fenômenos de renovação teológica e doutrinal da Umbanda ao longo dos últimos vinte anos. Seja ou não configurada como uma reação à escola pioneira de Saraceni, a FTU foi disfrutada de abundante protagonismo e também respeito por seu papel

na criação de uma imagem mais sofisticada, até mesmo educado, da Umbanda. Mais pesquisa é necessário sobre este florescimento de influência teológica dentro Umbanda contemporânea antes que se chegue a qualquer conclusão. Mas, semelhante ao movimento potencialmente massivo da Umbanda Sagrada nas áreas urbanas, a existência e a popularidade de instituições como a FTU é fruto de uma mudança nas percepções, expectativas e experiências do que a Umbanda é agora, especialmente entre os jovens.

Referências

ALMEIDA, R. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. Em MAFRA, C; e ALMEIDA R. (ORGS). **Religiões e Cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro: Terceiro Nome, 2009a. p. 29-50.

_____. **A Igreja Universal de seus demônios**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009b.

CUMINO, A. **História da Umbanda**: Uma Religião Brasileira. São Paulo: Madras, 2010.

FERNANDES, R. C. et al. **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na rua. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

HANDELMAN, D. Afterword: Returning to Cosmology – Thoughts on the Positioning of Belief. **Social Analysis**, vol. 52, num. 1, p. 181-195, 2008.

GONÇALVES DA SILVA, V. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Mana**, vol. 13, num. 1, p 207-236, 2007

MAGGIE, Y. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAGNANI, J. G. C. Religião e metrópole. Em MAFRA, C; e ALMEIDA R. (ORGS). **Religiões e Cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro: Terceiro Nome, 2009, p. 19-28.

MARIANO, R.. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

ORTNER, S. On key symbols. Em LAMBEK, M. (ORG). **A Reader in the Anthropology of Religion**. Oxford: Blackwell. 2008 (1973), p. 151-159.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados** vol. 18, num 52, p. 223-238. 2004.

SARACENI, R. **Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada**. São Paulo Madras. 2013

_____. **Tratado Geral de Umbanda: Compêndio Simplificado de Teologia de Umbanda, A Religião dos Mistérios de Deus**. São Paulo: Madras. 2012a.

_____. **Os Arquétipos da Umbanda: As Hierarquias Espirituais dos Orixás**. São Paulo: Madras. 2012b.

STOLL, S. J. 2004. Narrativas Biográficas: a Construção da Identidade Espírita no Brasil e sua Fragmentação. **Estudos Avançados**, 18: 181-199.

TRINDADE, D.; LINARES, R. A; COSTA, W. V. **Os orixás na Umbanda e no Candomblé**. São Paulo: Madras. 2013.

Artigo recebido em 28 de setembro de 2013. Aprovado em 02 de abril de 2014.

Notas

¹ Agradecimentos: gostaria primeiramente de agradecer à Fundação para a Ciência e Tecnologia, que me permitiu fazer trabalho de campo em São Paulo em 2013, nomeadamente no âmbito do projeto PTDC/CS-ANT/114825/2009, 2011-2014, chefiado por David Picard em Lisboa. Agradeço especialmente aos Umbandistas de São Paulo que me acolheram tão generosamente, dando do seu tempo e energia, especialmente a Elvira Armbrust, João Carneiro, Alexandre Cumino, Adriano Camargo, Valdir Gregório, Ronaldo Linares, Sérgio Martins, Marcelo Nascimento, e Rubens Saraceni. Por fim, agradeço a Artur Cesar Isaia por me chamar para escrever para este dossiê.